



Como citar este artigo

Carlos DJD.
[Epidemias como
perspectivas à
profissionalização
da enfermagem
brasileira].
Hist enferm Rev
eletrônica [Internet].
2020;11(1):1-3.

Epidemias como perspectivas à profissionalização da enfermagem brasileira

Djailson José Delgado Carlos^I

I Enfermeiro do Hospital Universitário Onofre Lopes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (HUOL/UFRN). Doutor em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, da Universidade Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC). E-mail: djailson.delgado@hotmail.com

Pensar a história da humanidade e sua relação com as doenças, é constatar quão longevas, próximas e dinâmicas têm sido a convivência entre elas. Em alguns episódios, apresentam-se como de fácil controle e superação, em outros, requerem grandes enfrentamentos e mobilizações dadas as proporções que podem assumir, como no caso das epidemias/pandemias.

Desse modo, a compreensão do adoecimento, necessariamente, deverá estar contextualizada em seu período histórico. Quanto a isso, as doenças já estiveram associadas à espiritualidade e, assim, vistas como castigo divino imposto aos seres humanos. Nesse tempo, o cuidado tinha por objetivo a salvação da alma. Em outro período, as práticas em saúde estiveram sustentadas pela Teoria Miasmática que preconizavam a intervenção no meio ambiente através da limpeza/saneamento dos espaços urbanos (ruas, praças, residências) e a incineração dos pertences dos falecidos⁽¹⁾. Na atualidade, a Teoria Bacteriológica, advinda com o desenvolvimento tecnológico e a partir das descobertas de Pasteur e Koch, reconhece nos agentes etiológicos – parasitas, vírus, bactérias e fungos – as causas das enfermidades⁽²⁾.

Desse modo, o surgimento das epidemias/pandemias pode estar relacionado às condições adversas de vida, aos desastres naturais, agressões ambientais, ao comércio de mercadorias e, mais recentemente, à globalização. Para ilustrar, vale citar a peste justiniano, peste bubônica, cólera, tuberculose, varíola, gripe espanhola, tifo, febre amarela, sarampo, aids, malária, gripe suína, dengue, zika, chikungunya e, no presente momento, a covid-19. Em comum, assemelham-se quanto ao indiscriminado acometimento sociocultural e pela possibilidade de ressurgimento.

Assim, o saber produzido sobre estes eventos deriva de pesquisas científicas, do uso das tecnologias, de financiamentos, das parcerias institucionais e do intercâmbio entre pesquisadores. Disso, fica a certeza que, a identificação dos agentes causadores, a descoberta da fisiopatologia, os fármacos, as vacinas e as estratégias para o combate, demandam esforços coletivos entre pesquisadores e centros de pesquisas/agências de controle, parecendo não haver fronteiras⁽³⁾.

Na realidade brasileira, a produção de soros e vacinas tiveram seu início com o funcionamento do Instituto Vacínico Municipal, no Rio de Janeiro, em 1894. A essa iniciativa sucederam as fundações do Instituto Serumtherapico, em São Paulo (1899), hoje, Instituto Butantan, e do Instituto Soroterápico Federal do Rio de Janeiro (1900), atual Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)⁽⁴⁾. Hoje, centros de comprovada excelência, em suas respectivas áreas, e têm o Sistema Único de Saúde como parceiro a promoção da saúde de nossa população.

Estas instituições impulsionaram a construção do pensamento sanitário brasileiro e nessa trajetória, a Fundação Rockefeller, até meados do século XX, somou esforços. Na particularidade da Enfermagem, destacam-se: Missão Parsons, formação de visitadoras sanitárias, funcionamento da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), criação do Serviço de Enfermeiras do DNSP, cooperação com o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), implantação de Escolas de Enfermeiras e apoio financeiro (1942-1960), formação de recursos humanos em saúde (Auxiliares de Enfermagem e Parteiras), concessão de bolsas de estudos nos Estados Unidos etc⁽⁵⁾.

Acerca da formação dos recursos humanos na área da Enfermagem, a história da profissão tem nos ensinamentos de Florence Nightingale o seu referencial à profissionalização. Ela assumiu o protagonismo na sistematização do ensino de Enfermagem a partir dos conhecimentos acumulados de viagens a Roma, Egito, Alemanha e na Guerra da Criméia, na qual se dedicou ao paciente cirúrgico e à prevenção/controlar de infecções. Afora o legado do sistema nightingaleano, mundialmente difundido e aceito, a Florence Nightingale é atribuída o pioneirismo como Primeira Enfermeira Epidemiologista e Primeira Enfermeira Teorista (Teoria Ambientalista)⁽⁶⁾.

Quanto a profissionalização da Enfermagem brasileira, sabe-se que ocorreu na transição entre os séculos XIX e XX e que, o campo da saúde pública, em tempos de surtos e epidemias, projetou suas maiores perspectivas, visto que a realização do curso de visitadoras sanitárias conferia créditos para estudar em Escolas de Enfermeiras. Sobre a atuação delas, em tempos mais distante, estavam inseridas em ações governamentais de características reativas no combate e controle das epidemias e depois, em tempos mais próximo, como participante dos meios de ação e formação de recursos humanos. Assim as enfermeiras, antes, com contratos temporários para atuarem em instituições públicas, passaram a compor os quadros funcionais dos serviços de higiene e saúde. A essa altura, com qualificação adequada e remuneração condizente, assumiram o protagonismo em ações educativas e de prevenção às doenças e ocupando espaços em serviços de referência⁽⁷⁾.

Ressalta-se, portanto, que desde os primórdios da profissionalização, a Enfermagem permanece atenta aos fenômenos do adoecimento, mantendo-se conectada às descobertas científicas, como também contribuindo para as ciências da saúde com estudos e publicações relacionados às boas práticas em saúde, assistência qualificada do cuidado e segurança do paciente.

Dessa maneira, a assistência à saúde se converteu em um grande aliado ao combate e controle das doenças. Viu-se, pois, que as tecnologias imprimiram uma nova configuração ao cuidado e que, para sua execução, a qualificação profissional é um importante requisito. Diante disso, a Enfermagem ciente das suas responsabilidades e disposta a assumir seu protagonismo, adotou uma postura atenta ao processo do cuidado e mantém-se vigilante às novas solicitações. Tem sido assim na atenção básica ao assumir posição de destaque no combate e controle das epidemias/pandemias (febre amarela, tuberculose, malária, varíola etc) e na assistência hospitalar, em cenário de maior complexidade como os exigidos nos agravamentos da AIDS, influenza A (H1N1) e, na atualidade, no tratamento a covid-19.

Por fim, nessa trajetória, as enfermeiras pioneiras – todas merecedoras de reconhecimentos – foram de vital importância a construção do conhecimento acerca do cuidado, como também, à consolidação dos processos de Enfermagem e a ampliação dos horizontes profissionais. Esse engajamento e desvelo fez com que, em muitos momentos, apresentassem uma vida profissional sobrecarregada pelo acúmulo de funções entre cargos administrativos, de ensino, assistenciais e à frente de organizações/associações da Enfermagem.

REFERÊNCIAS

1. Martins V. Cidade-laboratório: Campinas e a febre amarela na aurora republicana. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [Internet]. 2015 Jun [acesso 2020 Abr 17]; 22(2): 507-524. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v22n2/0104-5970-hcsm-2015005000008.pdf>
2. Silva JB, Barros MBA. Epidemiologia e desigualdade: notas sobre a teoria e a história. *Rev Panam Salud Publica/Pan Am J Public Health* [Internet]. 2002 [acesso 2020 Abr 17]; 12(6):375-383. Disponível em: <https://scielosp.org/pdf/rpsp/2002.v12n6/375-383/pt>

3. Nascimento DR. As campanhas de vacinação contra a poliomielite no Brasil (1960-1990). *Ciência e Saúde Coletiva* [Internet]. 2011 Aug [acesso 2020 Abr 17]; 16(2):501-512. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n2/v16n2a13.pdf>
4. Nascimento DR. La llegada de la peste al Estado de Sao Paulo en 1899. *Dynamis* [Internet]. 2011 Feb [acesso 2020 Abr 17]; 31(1):65-83. Disponível em: <http://scielo.isciii.es/pdf/dyn/v31n1/04.pdf>
5. Bonini BB, Freitas GF, Fairman J, Mecone MCC. Enfermeiras americanas do Serviço Especial de Saúde Pública e a formação de recursos humanos na Enfermagem Brasileira. *Rev. esc. enferm. USP* [Internet]. 2015 Dec [acesso 2020 Apr 18]; 49(spe2):136-143. Acesso em: <http://www.scielo.br/pdf/reusp/v49nspe2/1980-220X-reeusp-49-spe2-0136.pdf>
6. Carraro TE. *Enfermagem e assistência: resgatando Florence Nightingale*. 2 ed. Goiânia: AB Editora, 1997.
7. Teixeira VMN, Marques RC. Enfermeiros e saúde pública em Belo Horizonte: combatendo doenças e educando para a saúde (1897-1933) [Internet]. 2014 Oct-Dec [acesso 2020 Abr 18]; 54:37-54. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n54/a04n54.pdf>